



## ESCREVER O QUÊ? QUESTÃO NORTEADORA PARA A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS PARA ALUNOS E PROFESSORES NAS AULAS DE REDAÇÃO

Fabília Laurena Sales de Souza<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

Este trabalho se norteia na problematização de um questionamento que até hoje está latente entre os alunos sobre a disciplina de Redação: *Escrever o quê?* Em primeira instância, poderíamos nos pautar na falta de organização das ideias e baixo desenvolvimento argumentativo das reflexões críticas exigidas em muitas temáticas pelos docentes para com o seu alunado; e logo após, as problemáticas que permeiam no campo da forma/estética, a estrutura, que induzem os discentes a uma sensação constante de frustração, principalmente quando as produções textuais se concentram no campo argumentativo, dentre elas, o gênero textual Dissertação- argumentativa. Um gênero condicionado ao âmbito escolar, que ao longo dos anos foi obtendo um caráter classificatório e eliminatório na progressão educacional dos alunos, tornando-se, de modo geral, o “bicho papão” do corpo discente nacional.

Outro ponto importante está na compreensão de que o ato de escrever é a última etapa da produção textual, como também não pode ser a única forma de construção textual, já que os textos produzidos oralmente, ou por imagens, entre outros, dotam do mesmo grau de sentido e significados para os discentes. Assim, para os nossos alunos se tornarem excelentes escritores e leitores são necessários dar-lhes **liberdade e autonomia**, possibilitando a voz singular e social que cada discente enquanto sujeito representativo detém.

E por fim, mas de maneira alguma menos relevante, o desenvolvimento do senso crítico por meio da superestrutura argumentativa, permite que “[...] o exercício da plena cidadania depende de uma boa formação que amplie a capacidade das pessoas de interpretar, criticamente, o que leem nas diferentes mensagens e textos que circulam na sociedade [...]” (EMEDIATO, 2016, p.143).

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura Plena em Letras Modernas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB.



Logo, a criticidade construída ao longo das aulas de Redação por meio de temáticas das quais as marcas ideológicas, hipertextos, políticas linguísticas estão intrinsecamente interligadas, advém dos *insumossociais* que são internalizados pelos discentes a partir das correlações, *insights* que estes sujeitos produzem, mediados, claro, por outros sujeitos, que no espaço da sala de aula, é o professor.

Todavia, Emediato alega que trabalhar a argumentação nas escolas tem sido um notório problema devido ao fato de que, no Brasil, há uma fraca tradição de estudos sobre a argumentação. E acrescenta que “o problema maior se situa na prática do pensamento crítico e na apreensão dos aspectos discursivos, retóricos e lógicos capazes de dar conta de sua expressão” (2016, p. 144).

## METODOLOGIA

Adentrar no mundo das dissertações- argumentativas, conhecidas, *grosso modo*, como redações, devido ao seu caráter classificatório e eliminatório é divagar, antes de tudo, na (re)construção desse gênero, retirando-o primeiramente como essência da disciplina em sua forma e conteúdo. Contrapondo a isso, a escrita deve ser entendida como espaço de produção textual, assim como, “a sala de aula é uma instância de produção e apropriação de conhecimentos” (SOUZA, 2009, p. 99), na qual a aula é um lugar de definição de papéis institucionais de professores e alunos, revelando-se as marcas ideológicas, políticas e de subjetividade que este espaço propicia e lhe é intrínseco. Como também, na visão bakhtiniana, a sala de aula é um fenômeno social, e, por isso, que as práticas de escrita devem ser contextualizadas.

Seguindo por esse viés, os textos argumentativos se tornam bastante complexos, pois são neles que os alunos tendem a vivenciar na prática e explicitamente o ser social, político e ideológico que ele representa, a partir de seu olhar para si e para o outro como um sujeito de linguagem. Compelindo a argumentação:

[...] um dispositivo de enunciação complexo, e não apenas a aprendizagem de tipologias de argumentos que possam ser usadas ou identificadas em algumas situações. A argumentação deve estar no centro de um dispositivo dialógico” (EMEDIATO, 2016, p.157).

Nesse ínterim, a argumentação se realiza por meio da instauração do discurso



polêmico, passível de troca, negociação e sentidos da linguagem. A autora Orlandi (1987) esclarece:

[professor] uma maneira de se colocar de forma polêmica é constituir seu discurso de maneira a expor-se o efeito de sentidos possíveis, é deixar um espaço para a existência do ouvinte como sujeito. Isto é, é deixar vago um espaço para o outro (o ouvinte) dentro do discurso e construir a própria possibilidade de ele mesmo (locutor) se colocar como ouvinte [...] (ORLANDI, 1987, p.33)

Notemos que antes do ato de escrever uma dissertação- argumentativa, como quaisquer outros textos, o pensamento crítico instaurado nos discursos polêmicos deve ser a premissa e a essência das produções textuais, pois, a partir daí o aluno irá (re) construir sentidos e significados que lhes darão a compreensão e confiança do que é lhe proposto a produzir seja na escrita, na oralidade e/ou nas imagens.

Em consonância com esta ideia, Emediato (2016) ressalta que:

O pensamento crítico se harmoniza com uma concepção da argumentação em que os sujeitos se instalam em posições dialéticas e dialógicas de refutação, buscando os argumentos e os contra- argumentos indispensáveis à sua justificação (p.158)

Percebemos assim que a dissertação- argumentativa enquanto conteúdo deve ser constituída por uma bagagem de insumos, correlações e vivências sociais contextualizadas, possibilitando o uso pelos alunos das modalizações e estrutura dissertativa que a forma lhes impõe em sua prática, proporcionando aulas de produções textuais interativas, dialéticas e dialógicas que:

coloquem em funcionamento as diferentes competências envolvidas na expressão do pensamento crítico, levando o aluno a perceber que um texto, antes de ser um conjunto de informações (ou de verdades) é um conjunto de opiniões explícitas ou possíveis, com fundamentos mais ou menos relevantes, expressos em uma forma lógica e linguística. (EMEDIATO, 2016, p.162)

Ao analisar um livro que tem como proposta o “Como se faz um texto: a construção da dissertação- argumentativa”, de Antônio Carlos Xavier (2016), teve em suas primeiras páginas a exposição e explicitação de todas as questões estruturais de um texto dissertativo, desde a paragrafação até as estratégias de como se escrever um bom texto. Por sinal este



era o objetivo central da obra.

Contudo, no momento que foi direcionado a uma interpretação textual, intitulada “Reflexão Prática sobre a linguagem”, baseando-se na análise da dissertação “O jovem em seu tempo”, de autoria não revelada, foi proposto os seguintes questionamentos:

1. A dissertação “O jovem em seu tempo” pode ser um texto. Por quê? Justifique.
2. O que caracteriza esse texto como uma dissertação- argumentativa?
3. Qual a tese central defendida pelo autor? Reescreva-a com suas palavras?
4. Os parágrafos 2 e 3 apresentam argumentos distintos e quase contraditórios entre si. Sintetize-os nas linhas abaixo.
5. Essa dissertação apresenta indícios de autoria? Aponte, pelo menos, duas passagens do texto que demonstram a tão desejada originalidade na abordagem de um tema.

**Quadro 1:** Baseado na atividade da página 18, da obra “Como se faz um texto: a construção da dissertação-argumentativa”

Fonte: Antônio Carlos Xavier, 2016

Em circunstância alguma estas questões poderiam ser levantadas, já que a sugestão era refletir sobre a linguagem. Entretanto, é notório que antes do aluno/leitor se debruçar na estrutura, há algo de muito mais valioso texto, tais como *“O jovem em seu tempo” aborda qual temática? Em qual momento do texto, você enquanto leitor se identifica em meio à problematização de cunho social levantada pelo autor? Houve algum momento que você refutaria ou manteria concordância? Justifique.*

Vejamos que o texto em seu processo de leitura se perdeu em grande parte quando pontos relevantes foram descartados em prol de uma estrutura. Sendo que se o aluno/leitor, inicialmente, não permear por um viés de fato reflexivo, dificilmente ele se sentirá seguro em responder questões que se concentram na estrutura textual. Logo, nos deparamos com um grande problema do ato de escrever e da leitura: na escola, não se escreve o que pensa, mas o que acham que devemos pensar e escrever.

Quando direcionamos o nosso aluno a um descarte do que ele construiu em seu processo de interlocução, restringido a um propósito de conceituação e características do conteúdo abordado, estamos desmerecendo o encontro do leitor para com o texto. Segundo Barreto (2009), “[...] ler é uma atividade que se insere no interior de um projeto; por isso, a leitura é, por natureza, flexível, múltipla, diversa, sem uma hierarquia pré-estabelecida que defina uma leitura melhor do que as outras” (p. 117). E o mais alarmante neste processo foia perda sensível da voz do aluno, da voz do leitor, sobressaindo um



discurso autoritário ao invés do polêmico.

## CONCLUSÕES

Mediante as problematizações realizadas a partir da pergunta “Escrever o quê?”, perpassamos por entraves atenuantes e discorremos sobre estratégias que podem nortear o nosso trabalho ao ministrar a disciplina de Redação. Todavia, respaldar o ato de escrever por meio da amplitude que esta ação requer tanto dos docentes quanto dos discentes é o caminho.

Não podemos aceitar um bom escritor e/ou uma boa escrita como fator de *statuse* distinção social, quando isso acontece é a concretização do fracasso do Sistema Educacional de um país. A leitura e a escrita nos apoderam, nos constituem, nos corrompem, no direcionam, porque somos seres *da* e *na* linguagem!

Logo, vamos sim nos deter a forma, a estrutura, mas em nenhuma instância podemos desviar do que nos dar sentido e significado.

**Palavras-chave:** Educação. Dissertação- argumentativa. Argumentação.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, D. A. B. Os professores de português e a leitura: uma relação necessária. In: \_\_\_\_\_; SOUZA, E. M. F.; CRUZ, G. F. (Org.). **Linguagem e Ensino: reflexão nas aulas de Língua Inglesa e Língua Portuguesa**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2009, p. 113-124.

EMEDIATO, W. Aspectos lógicos, críticos e linguísticos do ensino da leitura e da escrita. In: \_\_\_\_\_; CAMPOS, L.; MEIRA, V. (Org.). **Teorias linguísticas e aulas de português**. Salvador: Eduneb, 2016, p. 143-176.

MODL, F. C.; BIAVATI, N.D. F.; SOUZA, E. M. F. A noção de gênero e(em) gestos de transposição didática. In: \_\_\_\_\_; CAMPOS, L.; MEIRA, V. (Org.). **Teorias linguísticas e**



**aulas de português.** Salvador: Eduneb, 2016, p. 177- 192.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e o seu funcionamento. As formas do discurso.**  
Campinas: Pontes, 1987.

PICARD, G. **Todo mundo devia escrever. A escrita como disciplina de pensamento.**  
São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SOUZA, E. M. F. A aula de Português como instância de produção e de circulação de conhecimentos linguísticos e não linguísticos. IN: \_\_\_\_\_; SOUZA, E. M. F.; CRUZ, G. F. (Org.). **Linguagem e Ensino: reflexão nas aulas de Língua Inglesa e Língua Portuguesa.** Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2009, p. 97- 112.

XAVIER, A. C. **Como se faz um texto. A construção da dissertação- argumentativa.**  
Cantaduva, SP: Editora Respel, 2016.